
ATOS NO ESCURO: UMA PERSPECTIVA SENSORIAL

Ana Lúcia Palma Gonçalves

Professora Orientadora: Lúcia Helena de Freitas

Este projeto visa pesquisar e gerar conhecimentos teóricos e práticos a respeito da expressão corporal do ator cego tanto quanto da consciência da espacialidade ocupada por este corpo na cena. No intuito de abranger as particularidades do teatro inclusivo focará sua atenção na montagem de uma cena de quinze minutos com duas atrizes cegas.

Tendo em vista que o movimento e o deslocamento advêm do ato de olhar e, diante desta impossibilidade, será investigada a maneira pela qual o corpo do ator cego pode ser instrumentalizado a fim de que seu gesto seja expressivo e seu caminhar seja definido e intencional, para que sua presença cênica possa corresponder à plasticidade e precisão que a cena teatral exige.

A idéia de espaço é incompreensível para quem jamais enxergou. Perspectiva, sombra, formas são conceitos sem qualquer possibilidade de experimentação para estas pessoas. Entretanto, os caracteres em braile são formas geométricas e deles pode advir a maneira mais próxima ao cego que o auxilie a capturar o conceito de geometria espacial. Assim, esta pesquisa, se valerá da inscrição dos caracteres em braile no piso destinado à representação, no intuito de orientar a locomoção dos atores com deficiência visual.

Concomitantemente, pelo fato de ser impossível pensar na cena inclusiva sem pensar na recepção inclusiva, serão pesquisados meios de adaptação de alguns elementos constitutivos da linguagem teatral que possibilitem à platéia que não enxerga ter acesso àquilo que é comunicado através do sentido da visão.

A fim de permitir que o ator cego possa contar com o material teórico indispensável à sua capacitação, um acervo de vinte livros será adaptado para o formato falado, através da técnica do livro falado, quando o conteúdo em tinta estará disponível para embasar o treinamento prático das técnicas sugeridas pelos autores estudados.

Neste ano de 2007 se inicia o decênio da inclusão. Inclusão já conseguida nas leis vigentes do Brasil. Entretanto, para que ela de fato se estabeleça não como uma concessão, mas como curso natural de abrangência da diversidade, devemos percorrer o caminho da capacitação. Somente pela habilitação estruturada as pessoas com algum tipo de deficiência estarão qualificadas para ocuparem funções sociais e profissionais na área de sua escolha.

Curiosamente, o *teatrum* – o local de onde se vê – fascina o cidadão com deficiência visual e desperta em alguns o desejo de estar sobre o tablado. É isto que podemos acompanhar especialmente nas mostras inclusivas que ocorrem tanto em território brasileiro quanto na Europa e nos Estados Unidos, há dezessete anos, sob a responsabilidade da *Very Special Art* e da FUNARTE, através do Programa Arte sem

Barreiras. Na versão de 2005 deste Programa, tive a oportunidade de assistir no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, no período de 2 a 30 de maio, o Grupo do Instituto Londrinense de Instrução e Trabalho para Cegos e o Grupo de Mímica e Teatro Oficina Versus de Portugal que encenaram, respectivamente, *As Cidades e Os Olhos* (colagem de textos) e *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* (livro infantil de Jorge Amado). Saltou-me aos olhos a limitação espacial obrigatória aos atores cegos na primeira peça citada e a condução, por outros atores, dos intérpretes cegos.

Na versão de 2006, em Santos, São Paulo, foi a vez do TEBAS – Teatro Brasileiro de Ações Sensoriais – apresentar a peça *do Banquete ao Pic Nic*, de minha autoria e sob minha direção e com duas atrizes com deficiência visual, uma totalmente cega e a outra com visão sub-normal. Foi então que me deparei mais estreitamente com a singularidade da criação cênica para o trabalho com a pessoa que não enxerga, reforçando as dificuldades já por mim encontradas por ocasião do Circuito Carioca de Esquetes, de 2005, no Espaço Cultural Sérgio Porto, quando foi apresentado por quatro jovens cegos, o poema *O Elogio do Arame*, de Marcus Vinicius Quiroga.

Nas duas montagens, foi preciso valer-me de uma descrição minuciosa tanto do gesto como da postura corporal e sua utilização como veículo de comunicação. Quando por palavras não era possível explicitar a posição corporal e o deslocamento que deveriam ser assumidos e empregados, era necessário que eu me tornasse um modelo vivo, que era então tocado pelos atores. Assim, eles buscavam reproduzir a forma percebida pelo tato. Mas isto era pouco e eu queria a autonomia criativa. Entretanto, para conseguir esta autonomia, é necessário estabelecer um contato íntimo com as possibilidades corpóreas, o conhecimento das articulações e a utilização da respiração como geradora do movimento. Também é preciso expandir a percepção do que é o corpo no espaço da cena e das diversas figuras que se formam diante da tridimensionalidade do ator na caixa do palco.

Porém, como atingir estes conceitos e estas vivências já que eles necessitam da totalidade dos sentidos? Como falar de espaço para aqueles cujas impressões são meramente temporais e não concomitantemente espaciais e temporais? Será que através do braille poderemos promover um deslocamento mais seguro que possibilitaria para a platéia vidente uma impressão estética visual de melhor qualidade?

Mesmo que precisemos ir adiante na concepção de uma montagem teatral que tenha como condutor os outros sentidos que não o visual, parece-me fundamental desenvolver uma metodologia que permita ao ator cego o emprego de recursos corporais e espaciais para a sua autonomia. Basta saber se a metodologia e os conhecimentos técnicos empregados nesta pesquisa serão os suportes adequados.

BIBLIOGRAFIA

- ARNHEIM, Rudolph. *Arte e percepção visual*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- APPIA, Adolph. *Obra de Arte viva*. Lisboa: s/e: s/d.

- BELARMINO, J. *Aspectos comunicativos da percepção tátil: a escrita em relevo como mecanismo semiótico da cultura*. Tese de doutorado. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica, PUC SP, 2004.
- FELDENKRAIS, Moshe. *Consciência pelo movimento*. Trad. Daisy A. C. Souza. São Paulo: Summus, 1977.
- _____. *Vida e movimento*. Tradução Celina Cavalcanti. São Paulo: Summus, 1988.
- MASINI, E. *O perceber e o relacionar-se do deficiente visual*. Brasília: CORDE, 1994.
- MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.
- _____. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- SACKS, Oliver. *Um antropólogo em Marte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SERRES, M. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.